

Mulheres jovens, sexualidade e redes de convivência em uma comunidade rural de Caruaru/PE: circuitos (des)integrados?

Marion Teodósio de Quadros¹

Karla Galvão Adrião²

Ana Marta de Carvalho Teodósio³

Maria Julia Carvalho de Melo⁴

Resumo

Este artigo reflete sobre o campo rural de uma pesquisa intitulada “Mulheres Jovens e Dupla proteção em diferentes circuitos de socialidade: um estudo comparativo entre Recife e Caruaru-PE”. Os resultados da pesquisa para o campo rural evidenciaram que as jovens têm muitas dificuldades em tratar da sexualidade e de possíveis escolhas reprodutivas quanto ao uso de métodos preventivos e contraceptivos

¹ Prof^a. Dr^a. do Departamento de Antropologia e Museologia e da Pós-Graduação em Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

² Prof^a. Dr^a. do Departamento de Psicologia e da Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da UFPE.

³ Psicóloga pela FAFIRE-PE. À época da pesquisa era bolsista de iniciação científica do depto. de Psicologia da UFPE, sob orientação da Prof^a Dr^a. Karla Galvão Adrião no projeto que deu origem a este artigo.

⁴ Graduanda em Pedagogia do Núcleo de Formação Docente do Centro Acadêmico do Agreste da UFPE.

quando iniciam sua trajetória afetivo-sexual. Isto nos levou a refletir acerca das características da rede de apoio das mesmas, através da noção de circuitos integrados de Donna Haraway (2009) e de como, de uma forma geral, há a crença de que estas jovens não possuem vida sexual até as mesmas engravidarem. A partir destas reflexões, o objetivo deste artigo é analisar como as mulheres jovens descrevem e avaliam suas relações com sua rede de apoio comunitário – a escola, a família, o posto de saúde e a igreja – no âmbito dos significados e práticas associados à sexualidade, prevenção e contracepção.

Palavras-chave: Mulheres jovens rurais, sexualidade, contracepção, prevenção, redes de convivência comunitária.

Abstract

This article reflects on the rural field of a research entitled “Young women and dual protection in different circuits of sociality: a comparative study between Recife and Caruaru-PE”. The results of the research on the rural field revealed that young people have many difficulties in dealing with sexuality and possible reproductive choices as to use of preventive and contraceptives methods when they start their affective and sexual life. This led us to reflect on the characteristics of the support network of these girls, through the notion of integrated circuits of Donna Haraway (2009) and as a general rule, there is the belief that these young people have no sex life until they become pregnant. From these reflections, the aim of this paper is to examine how young women describe and evaluate its relations with its network of community support - school, family, health center, and church - in the context of meanings and practices related to sexuality, prevention and contraception.

Key words: Young rural women, sexuality, contraception, prevention, networks of community living

Este artigo reflete sobre o campo rural de uma pesquisa intitulada “Mulheres Jovens e Dupla proteção em diferentes circuitos de socialidade: um estudo comparativo entre Recife e Caruaru-PE”⁵. O objetivo da pesquisa foi compreender como mulheres jovens constroem suas trajetórias sexuais e reprodutivas, e como lidam de maneiras específicas com a contracepção e a prevenção a Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)/ Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Neste artigo, discutimos sobre as redes de apoio das jovens, na interface com as suas escolhas sexuais e reprodutivas.

Utilizamos do referencial teórico-epistemológico construcionista do gênero e da sexualidade (Simon; Gagnon, 1999; Scott, 2005; Parker, 1991; Rubin, 1993, 1998; Vance, 1995), com uma abordagem feminista pós-estruturalista (Butler, 2003; Haraway, 1995, 2009). Para Judith Butler (2003), falar de gênero significa discutir sobre as relações de poder entre sujeitos generificados e socialmente constituídos em contextos específicos. A noção de circuito integrado (Haraway, 1995) foi a base para discutirmos as redes de apoio. O circuito integrado aborda os distintos campos que compõem as relações em uma comunidade, tais como a escola, a família, a igreja, o posto de saúde, dentre outros.

A pesquisa baseou-se em uma pequena etnografia, desenvolvida de outubro de 2009 a outubro de 2010, na qual se deu relevo à entrevista em profundidade orientada para a contextualização de cenas e cenários sexuais e reprodutivos (Paiva, 1999; Simon; Gangnon, 1999). Foram contatadas diversas jovens e realizadas cinco entrevistas em profundidade em uma comunidade da zona rural de Caruaru, cidade do Agreste de

⁵ Com financiamento do CNPq e da FACEPE, entre os anos de 2008 a 2010. Sediada nos núcleos de pesquisa GEIN (Grupo de Pesquisa em Gênero, Educação e Inclusão) do Centro Acadêmico do Agreste; FAGES (Família, Gênero e Sexualidade da Pós-graduação em Antropologia) e Lab-Eshu (Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana da Pós-graduação em Psicologia), ambos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas do campus Recife. Todos estes grupos são da Universidade Federal de Pernambuco.

Pernambuco, que denominamos de Vila de Santo Expedito⁶.

Uma comunidade rural traz à tona certas especificidades em relação às vivências juvenis de sexualidade e reprodução, especialmente quando comparadas com comunidades urbanas (Quadros, 2007; Scott, 2007).

A comunidade pesquisada é um local onde há muita terra e pouco povoamento, que se desenha por pequenos aglomerados de casas espalhadas. Tem 300 residências com aproximadamente 4 a 5 pessoas cada e possui água encanada, energia elétrica, telefones públicos e internet, em algumas casas. Não há asfalto, por isso, a poeira e a lama se espalham nas ruas de terra, conforme faça sol ou chova.

As principais atividades de ocupação de seus jovens são o trabalho com o artesanato e a confecção de roupas, realizada especialmente pelas mulheres, para serem comercializadas na Feira da Sulanca⁷, indicando que a atividade da agricultura, praticada por seus pais e avós, não é muito valorizada pela geração mais nova.

Possui uma casa de apoio para uma equipe do Programa de Saúde da Família (PSF), igrejas católicas e evangélicas, bares, salões de beleza e uma escola pública com as séries iniciais do ensino fundamental. Na adolescência, os jovens precisam se deslocar para bairros vizinhos ou para o centro da cidade de Caruaru para continuarem os estudos.

Destaca-se, ainda, a existência de poucas áreas de lazer na região, sendo um açude, uma lanchonete e a própria casa das pessoas, como locais de encontro dos e das jovens. As jovens alegam que as ruas ficam praticamente desertas durante a noite, propiciando certa privacidade para o namoro, que geralmente tem como local de encontro as casas delas. Por isso mesmo, a vigilância dos passos das moças da vila pelos pais, parentes e, principalmente, irmãos e irmãs é intensa. Por outro lado, a proximidade com a cidade de Caruaru e os eventos escolares fazem com que esses jovens programem saídas para festas, especialmente as de São João, que foram cenários para “ficadas” e pedidos de namoro.

Os resultados da pesquisa evidenciaram que as jovens têm muitas dificuldades em tratar da sexualidade e de possíveis escolhas reprodutivas

⁶ O nome do local pesquisado e das entrevistadas são fictícios para preservar o seu anonimato.

⁷ Feira de roupas famosa na região que acontece na madrugada da terça-feira.

quanto aos usos de métodos preventivos e contraceptivos quando iniciam sua trajetória afetivo-sexual. Isto nos levou a refletir acerca das características da rede de apoio das mesmas, e de como, de uma forma geral, há a crença de que estas jovens não possuem vida sexual até as mesmas engravidarem, o que reitera dados desta mesma pesquisa em outras localidades urbanas, tanto em Recife quanto em Caruaru.

Nosso objetivo com este artigo é analisar como as mulheres jovens descrevem e avaliam suas relações com sua rede de apoio comunitário – a escola, a família, o posto de saúde e a igreja – no âmbito dos significados e práticas associados à sexualidade, prevenção e contraceção.

Para isto, dividimos o texto em três momentos. No primeiro, introduziremos o debate a partir das trajetórias afetivo-sexuais das cinco jovens entrevistadas – quatro solteiras e uma casada, dialogando com a literatura sobre sexualidade, prevenção e contraceção. No segundo momento, nos interpelamos a respeito das relações contraditórias existentes entre as mulheres jovens e as redes de apoio comunitárias a partir da noção de circuitos integrados (Haraway, 2009), questionando em que medida há uma (des)integração para as jovens. Finalmente, nas considerações finais, traremos possíveis (des)encontros nas relações das jovens com suas redes de apoio comunitário no sentido de constituí-las em circuitos que parecem se integrar para controlar e não legitimar os seus direitos sexuais.

As trajetórias sexuais e reprodutivas das jovens: problematizando as questões de prevenção e contraceção

Elaine Brandão e Maria Luiza Heilborn (2006), comentam que as jovens constituem uma “identidade de gênero”⁸. Na co-relação com as suas vivências acerca da sexualidade; e estas vivências requerem, por sua vez, o domínio das regras de negociação a dois, tanto num

⁸ Trabalhamos com esta noção problematizando-a no sentido de que a noção de gênero com a qual atuamos trata de posicionamentos e não de identidades. Entretanto, a referida citação é válida dentro do debate que se inicia nesta seção.

relacionamento fixo como num ocasional. As autoras colocam ainda que nem sempre há uma interiorização das normas preventivo-contraceptivas nem seu controle, o que pode levar a uma vivência de gravidez ou IST/HIV.

Ao refletir sobre o que foi destacado acima, trazemos as vivências das jovens interlocutoras desta pesquisa. As mesmas destacam que a relação com as noções e práticas de contracepção e de proteção às IST/HIV são vivenciados como distantes, indicando que viriam a acontecer após a iniciação sexual (três das solteiras eram virgens, na época da pesquisa), tendo como foco principal evitar a gravidez, uma vez que a relação de confiança estabelecida com o namorado ou noivo afasta a possibilidade de serem contaminadas por IST/AIDS, pela pressuposição da fidelidade do casal (Quadros; Adrião; Xavier, 2011, Quadros, 2007; Heilborn; Equipe Gravada, 2005).

Rosa é uma jovem de 16 anos, católica, “branca”⁹, dona de casa, casada, com Ensino Fundamental completo. Interrompeu os estudos ao ter seu bebê. Seu marido trabalha e ela sempre viveu na Vila Santo Expedito. Sua primeira relação sexual foi com o atual marido, quando ela tinha 14 anos de idade.

Ana tem 17 anos, é “morena clara”, evangélica, noiva e estudava no 3º ano do Ensino Médio, na época da pesquisa. Mora com a mãe e outros parentes da família de origem. A primeira atração e o primeiro namoro foram com seu noivo. Ele é 10 anos mais velho e já havia casado, por isso ela tinha medo da reprovação de sua mãe. Estão juntos há um ano e nunca tiveram relação sexual. Ana é virgem e tem medo de transar.

Silvia é uma jovem “morena” de 18 anos, católica e noiva. Mora com a mãe e mais dois parentes. Concluiu os estudos e atualmente trabalha numa feira de roupa. Mora na Vila Santo Expedito desde que nasceu. Silvia é virgem, e não se sente segura para transar antes do casamento. Deseja ter relações sexuais com apenas uma pessoa por toda a vida.

Teresa é uma jovem de 18 anos, católica, “morena”, solteira, mora com a mãe e outros parentes da família de origem. Está cursando o Ensino Médio e sempre morou na Vila Santo Expedito. Ela é virgem e estava namorando um rapaz de uma outra comunidade rural, na época da

⁹ Autodenominação.

pesquisa. Ela pretendia ter sua primeira relação sexual com ele, pois se gostavam bastante. A primeira experiência sexual é muito importante para ela, sendo necessário o sentimento recíproco.

Iris é “morena”, 21 anos, católica, solteira, mora com a mãe e outros parentes. Ela tem ensino fundamental incompleto e trabalha como artesã. Morou alguns anos em outros estados, mas passou sua infância na Vila Santo Expedito. A sua primeira relação sexual foi com o ex-noivo, que sugeriu a “transa”, vivenciada somente quando ela se sentiu preparada, no período do noivado.

As mulheres jovens pesquisadas possuem de 16 a 21 anos de idade, quatro são católicas e uma é evangélica, quatro se consideram “morenas” e uma “branca”. Uma delas completou e duas estão cursando o ensino médio. Uma das jovens completou e uma outra está cursando o ensino fundamental. Uma delas é casada e as outras solteiras, sendo que duas estavam noivas, uma estava namorando e outra estava sem namorado, no momento da pesquisa. O que há de marcante nas trajetórias sexuais e reprodutivas dessas jovens mulheres é o fato de elas terem a vivência da sexualidade normatizada e excessivamente regulada pelas redes de convivência comunitária das quais fazem parte (Silva, 2006; Quadros, 2007; Scott, 2007; Paulo, 2011; Quadros; Adrião; Xavier, 2011).

Nesse sentido, a prevenção e a contracepção estão profundamente influenciadas por demarcadores de gênero e sexualidade. A associação do homem ao sexo e da mulher à reprodução traz consequências em termos da vivência da sexualidade (Heilborn et al., 2006). Na cultura sexual brasileira, a categorização de gênero opõe masculinidade e atividade a feminilidade e passividade, de forma contrastiva e hierárquica (Parker, 1991). A exigência cultural de uma atitude passiva e ingênua das jovens torna difícil a abordagem das questões de sexualidade e contracepção com o parceiro (Bozon et al., 2003), prejudicando a igualdade entre os parceiros, na negociação sexual.

As jovens rurais que fizeram parte da pesquisa refletem esta realidade de modo contundente. Duas das jovens já tiveram a sua primeira relação sexual e três são virgens. A questão da virgindade aparece fortemente como um demarcador de honra para as jovens rurais (Paulo, 2011; Quadros, 2007; Silva, 2006). Apesar de não termos encontrado uma regra de conduta rígida em relação à perda da virgindade, observamos que

duas das três jovens virgens preferem que a primeira relação sexual aconteça após o casamento. Elas afirmaram ter medo de transar antes do casamento, uma delas referiu que este medo estava ligado à possibilidade da desistência do casamento por parte do noivo. Este padrão de comportamento representa um forte vínculo a valores patriarcais que exacerbam o valor da falta de experiência sexual como o esperado para o comportamento das jovens.

Uma das virgens e as duas jovens que já passaram pela primeira relação sexual não possuem ou possuíam tal medo. Entretanto, mesmo que não tenham considerado a perda da virgindade antes do casamento como uma fonte decisiva de estigmatização, a relação sexual ocorreu de acordo com certas condições que pressupõem a exigência de uma virgindade moral (Heilborn et al., 2006), ou seja, a passividade e a ingenuidade femininas em matéria sexual. As jovens não conversam sobre sexo com o namorado, noivo ou marido, bem como, para terem a primeira relação sexual como prova de amor, dentro de um namoro ou noivado tradicional, em geral, os homens pedem e as mulheres cedem quando se sentem seguras. Esta segurança se traduz, muitas vezes, numa associação entre o que elas chamam de encontrar a hora e a pessoa certa:

‘Entrevistadora: tu já conversasse com teu namorado, assim, como foram as experiências dele anteriores, ou não? Teresa: não... nem devo conversar, vou conversar sobre essas coisas não?’ (Teresa, 18 anos, namorando).

‘Iris: assim, ele! Porque tu sabe, né? Todo homem tem que forçar. Eu não queria, tá entendendo? Eu não queria, mas ele pediu e tal e tal... um dia ele ficou comigo, olhei pra ele e fiz assim: pronto, chegou a hora!

Entrevistadora: qual foi a razão pra tu iniciar a tua vida sexual nesse momento?

Iris: porque eu gostava dele! Eu via que ele era a pessoa certa pra eu ter minha primeira relação com ele!’ (Iris, 21 anos, solteira).

Como era de se esperar, apenas a jovem casada demonstra ter vida sexual ativa, uma vez que a atividade sexual é considerada uma característica masculina (Heilborn et al., 2006; Parker 1991), especialmente na área rural (Quadros, 2007; Paulo, 2011). Ela foi a única que afirmou ter um repertório das posições sexuais mais variado, incluindo o sexo oral, considerado “nojento” pelas outras jovens. Também foi a única a transparecer algum tipo de negociação acerca das posições sexuais na hora da transa. Rosa havia tido apenas um namorado e três “ficantes”, mas se classificava como “danada”, o que se traduzia como gostar das experiências ligadas ao desejo e ao prazer sexual. Ela afirmava que não gostava do compromisso do namoro, porque isso restringia as possibilidades de ter liberdade para ir para os lugares, uma vez que as moças que estão namorando não saem apenas com os namorados e estão constantemente sendo avaliadas pelos conhecidos, em termos das interações com outros rapazes. A fofoca funciona como um meio de controle da conduta das moças comprometidas, uma jovem que começa a conversar demais com um rapaz que não seja o seu namorado vira alvo de comentários acerca da sua conduta em relação à fidelidade (Fonseca, 2000).

Ficar é uma forma de engajamento em relacionamentos que surgiu no final dos anos 1980, no Brasil. Refere-se a um tipo de encontro no qual a falta de compromisso gera uma falta de obrigações recíprocas dos envolvidos, que privilegiam o(s) momento(s) vivido(s) como episódios únicos e cuja continuidade pode ou não ocorrer (Heilborn et al., 2006; Longhi, 2007).

Ficar, para as jovens, foi significado como um momento antes do namoro, exceto para Rosa, como vimos acima, que via mais vantagem em ficar do que em namorar, por conta da vigilância que as moças sofrem no namoro. Quando ficam, elas experimentam a possibilidade de um namoro (Paulo, 2011; Longhi, 2007).

O ficar acontece normalmente num lugar público (no caso das jovens entrevistadas: festa, ponto de ônibus, lanchonete, na praça em frente à escola) e significa um contato corporal que pode incluir beijos, carícias ou mesmo relação sexual. No caso das jovens entrevistadas, que encaram o ficar como um momento prévio a um possível namoro, o ficar está relacionado a beijar, predominantemente.

É interessante como ficar é uma modalidade de relacionamento onde as amigas e os amigos estão envolvidos, seja para anunciar a intenção de ficar com alguém, seja para fazer companhia aos “ficantes”, de modo a salvaguardar o momento do encontro. Por não gerar compromissos de parte a parte, o ficar parece se constituir num importante momento de experimentação e de conhecimento do outro, é o momento em que as jovens ensaiam suas primeiras atitudes em relação ao desejo e ao afeto, que aprendem a dizer sim ou não diante das propostas, que aprendem a manifestar o desejo por alguém:

‘É! Aqui o povo fica primeiro, pra depois namorar!...’ (Sílvia, 18 anos, noiva).

‘Porque no começo foi ele que queria ficar comigo. Aí a gente ficou uma vez, pronto. Aí depois eu fiquei querendo. Gostei dele tal, aí a gente ficava escondido da minha mãe, mas, assim, o que eu sentia é que eu queria ficar sempre com ele. Todo dia nós ficávamos’ (Teresa, 18 anos, namorando).

(...) se uma jovem começa a ficar com muitos meninos, ela compromete sua reputação: você vai e fica com um menino, aí depois não quer mais ficar mais com ele, aí vai e fica com outro. E começa a ser falada pela comunidade... (Ana, 17 anos, noiva).

Assim, a grande valorização da virgindade e a experiência do ficar como uma passagem para o namoro são mais características dessa comunidade rural, quando comparada às urbanas (Quadros et al., 2011). Resultados semelhantes foram encontrados em outras comunidades rurais do nordeste (Scott, 2007; Longui, 2007; Quadros, 2007; Paulo, 2011).

Uma outra semelhança com outras pesquisas (Longui, 2007; Paulo, 2011), relacionada a marcadores importantes para a vida sexual das jovens em comunidades rurais, diz respeito à grande importância da família de origem na delimitação de espaços e compromissos atuais e futuros, que pode ser traduzida no fato de elas morarem ou pretenderem morar perto da mãe quando casarem, ou ainda na importância do conhecimento dos namorados pelas famílias como um indicador do compromisso de namoro assumido.

Neste cenário, as preocupações com a prevenção e a contracepção estão relacionadas ao estabelecimento de uma relação de confiança em relação ao parceiro (a pessoa certa), na qual as jovens se colocam como menos experientes e mais passivas, nas relações sexuais e, também, no uso de métodos de prevenção e contracepção. Mesmo no caso de Rosa, que se classificava como “danada”, a importância que dá ao uso de métodos está alicerçada na noção de confiança no parceiro, ela alterna um uso irregular de pílula e o coito interrompido, que considera o método mais seguro.

Elas conhecem basicamente cinco métodos: a camisinha masculina, a feminina, a pílula, a injeção e o coito interrompido. A camisinha feminina foi conhecida por palestra ou aula na escola, mas não é um método usado ou que pretendam usar. Elas mencionam dificuldades para o uso da injeção e da pílula: diziam que a injeção engorda e a pílula emagrece. Além disso, a administração do uso da pílula é perigosa, pois o esquecimento pode acontecer a qualquer momento. Já a camisinha, pode estourar.

As jovens percebem que o uso de cada um dos métodos pode trazer complicações ou efeitos colaterais, mesmo que elas não possuam amplo conhecimento acerca de tais efeitos. Talvez esse seja um dos motivos que levou uma das jovens a mencionar o coito interrompido como o método contraceptivo mais seguro.

As três virgens pretendem usar pílula associada à camisinha na primeira relação sexual. Mas esta decisão irá passar por uma série de reformulações e dependerá da vontade e postura do namorado ou marido. Podemos ter aqui uma situação próxima à da jovem casada, que não usou nenhum método na primeira relação e tinha tido sua primeira filha, na época da pesquisa. A outra das jovens que havia tido sua primeira relação sexual disse ter usado camisinha para se proteger da AIDS porque a mãe de seu namorado tinha o vírus.

Como a maior parte dos jovens brasileiros (Villela; Doreto, 2006; Quadros, 2007), elas temem mais a gravidez que as IST/AIDS. Estas últimas não são fonte de preocupação por causa da relação de confiança que presumem ter com o rapaz. Assim, o uso de métodos parece estar mais relacionado à contracepção, embora elas reconheçam a importância da camisinha para a prevenção de doenças.

As mulheres jovens e as suas redes de apoio e convivência: circuitos (des)integrados?

A análise realizada dialoga diretamente com Donna Haraway (2009), quando esta afirma a existência de um circuito integrado no qual se inserem os cenários sob os quais se devem considerar as análises sobre as vidas das mulheres. Para ela, há uma rede ideológica na qual ocorre uma cópia de espaços e identidades, com entrada no corpo pessoal e político dessas mulheres, e que é evidenciado nas relações das mesmas com os circuitos dos quais fazem parte. Segundo a autora (Haraway, 2009), vão aparecer nesse circuito elementos que fortalecem efeitos de desigualdades – de gênero, de classe, de geração, de raça, de etnia – nas diversas relações que compõem o circuito – a família, a comunidade, o posto de saúde, a escola, a igreja. O que é importante ressaltar aqui é que, o que há nessa rede são mais contradições que possibilidades definidas para as mulheres. Estas, ao poderem ser desveladas e interpretadas, abrem flanco para a construção de novas alianças e coalizões.

O que queremos neste momento, portanto, é trazer como se dão as relações das jovens com cada um desses elementos que compõem o circuito ou rede de convivência: a escola, a família, o posto de saúde, a comunidade, a igreja. Nosso intuito é buscar desvelar estas constituições, no sentido de compreendê-las melhor, de forma a traçar relações com as vivências afetivo-sexuais das jovens em questão.

Trabalhamos na perspectiva de Haraway (2009), que acredita que as microrrelações se engendram e se articulam com as macrorrelações, pois não há para a autora dicotomias ou binarismos que não sejam perpassados por uma miscelânea de relações. Veja-se como exemplo o binarismo público versus privado. As relações de intimidade deveriam ser, se acreditarmos na autonomia e isolamento de cada um desses conceitos, algo produzido exclusivamente no âmbito do privado. Entretanto, é

sabido que as relações de intimidade que se constituem “entre quatro paredes”, como escolhas de práticas e carreiras afetivo-sexuais, são atravessadas por lógicas de Governo e controles dos corpos (Foucault, 1984).

Vejamos como se constituem essas redes de convivência que reiteram as práticas supracitadas.

Sobre família, amigas e comunidade

Há relatos, já observados nesta pesquisa no campo do Recife urbano, de que a fofoca regula as práticas possíveis na comunidade. As jovens têm medo de que suas trajetórias afetivo-sexuais sejam alvo dessa fofoca. A este respeito, o maior exemplo que salientamos acima é o medo de perder a virgindade antes do casamento.

Em experiência de campo de pesquisa, Cláudia Fonseca (2000) observou que as pessoas com quem ela conversava não se consideravam “fofoqueiras”, embora concordassem que havia fofoca na comunidade. Conforme afirma a autora, a fofoca pode envolver relatos reais ou imaginários sobre o comportamento alheio e costuma ser entendida como algo ruim que é destinado a fazer o mal ao sujeito alvo da fofoca.

O mais importante a afirmar aqui é que a função educativa à qual evoca a autora (Fonseca, 2000) tem a característica de evidenciar as normas morais correntes naquela comunidade. Nestes termos, a fofoca aparece como dispositivo regulador das vivências afetivo-sexuais das jovens, que não podem apresentar seus desejos e inquietações sobre a sexualidade e a reprodução, sob pena de serem tachadas de “garotas safadas”, que querem desviar-se. Ao dizer isto, não estamos afirmando que as jovens não possuem experiências sexuais, antes, que elas são veladas, ou seja, que existem e são percebidas pela comunidade, mas que não podem ser faladas. Quando se tornam faladas, são moralizadas como práticas não aceitas.

Entretanto, as jovens buscam ativamente informações sobre sexualidade e sobre prevenção e contracepção. Ana diz que “obtem

informações sobre sexo e métodos de prevenção com uma amiga sua que já foi casada e com seu noivo, que também já foi casado. Entretanto, com ele, a conversa é mais focada no medo dela em engravidar na primeira relação sexual, explicando ele a ela sobre os métodos de prevenção a gravidez (camisinha, pílula e injeção)” (Conversa com Ana, 17 anos, namorando. Diário de Campo).

Elas buscam informações com amigas e primas. Afirmam ter vergonha e medo de conversar com os pais. Uma das jovens, apenas, afirma conversar com sua mãe, que lhe pede para avisar acerca do momento em que a jovem decidir ter sua primeira relação sexual, a conversa se limita a isto.

Os relatos também trazem a preocupação dos pais com o comportamento sexual das filhas, buscando regular e controlar suas práticas. O pai de Rosa é relatado por ela como alguém que se preocupava muito e que ia atrás da jovem para regulá-la nas festas. Ela conta que deixou de “ficar” com o jovem com quem estava saindo e este veio a se tornar namorado, e depois marido, por pressão do pai. O controle da sexualidade das jovens mulheres, como marcador de uma honra masculina, já foi estudado em outras pesquisas e se reapresenta aqui neste campo (Quadros, 2007). Importante relatar que este controle vem normatizar o que é certo socialmente sem, no entanto, trazer informações e apoio no sentido de um livre exercício dos desejos das jovens.

Aparecem relatos sobre o espaço das igrejas dentro do circuito de sociabilidade das jovens estudadas. Estes trazem, por um lado, uma desvinculação dos desejos e práticas afetivo-sexuais dos mandatos normativos da religiosidade, e por outro apresentam a igreja como um espaço de sociabilidade entre os jovens e as jovens.

Sobre isto, Silvia comentou que “estava na igreja (católica) quando o encontrei e me senti atraída por ele” (Conversa com Silvia, 18 anos, noiva. Diário de Campo). Destaca-se que logo quando eles se conheceram, eles “ficaram” e que depois de um tempo começaram a namorar. A igreja aqui é referida como o espaço de lazer possível dentro da comunidade. Este fato vem reiterar a ausência de outros espaços de lazer comunitários, apresentando a igreja como possibilidade de sociabilidade para os jovens que ali circulam.

Ao mesmo tempo, não tivemos informações que trouxessem a igreja como um espaço de apoio e de informação para as jovens sobre sexualidade e reprodução. Dessa forma, mais este elo do circuito apresenta-se (des)integrador.

Sobre a escola da comunidade

A assistência à educação vem atendendo às regras da regulação dos corpos e das normas de gênero, de forma tal que não promove uma mudança discursiva. Os argumentos que impedem o acesso dessas jovens a seus direitos concentram-se no discurso de que, ao se envolverem num relacionamento afetivo-sexual, este poderá atrapalhar os estudos das jovens, tendo em vista que as mesmas podem ter maiores dificuldades para ingresso em uma carreira profissional.

De uma forma geral, o que encontramos nos relatos das jovens foi que a escola aparece como um espaço de informação, mas não de apoio e reflexão sobre a temática. Há pouca informação e a que é transmitida é por meio de palestras ou aulas isoladas. Os métodos contraceptivos mais citados nas palestras são a camisinha e a pílula. O foco das aulas e palestras vivenciadas era a prevenção às IST/AIDS e não os desejos, medos e anseios que acompanham a experiência da primeira vez, e muito menos o debate sobre o livre exercício da sexualidade. “Teresa disse que na escola teve muita palestra sobre sexo e métodos de prevenção, mas que o foco era na prevenção às IST e que falavam mais sobre a camisinha” (Conversa com Teresa, 18 anos, namorando. Diário de Campo).

Além disso, os discursos sobre a sexualidade na adolescência no contexto escolar ainda continuam enraizados e impregnados de uma perspectiva que busca informar a partir da ideia moralizante de que as jovens não devem possuir experiências sexuais neste momento da vida, e de que qualquer vivência neste período seria precoce (Altmann, 2001).

Apesar disto, a importância da escola, neste contexto, é inegável. Uma das jovens da pesquisa afirmou que “acredita que a camisinha é o

método mais seguro em prevenir contra gravidez e contra IST. Acredita nisso porque viu uma palestra na escola. Além disso, teve a primeira relação sexual porque gostava do rapaz (seu ex-namorado), mas que não sabia praticamente nada sobre sexo, apenas o que se ensinava na escola” (Conversa com Iris, 21 anos, solteira. Diário de Campo, grifos nossos).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, MEC, 1998) orientam sobre a importância de abordar a educação sexual no ensino do terceiro e do quarto ciclos. Esta não deve ser entendida enquanto atravessada apenas por aspectos biológicos, mas incluindo os aspectos psicológicos e socioculturais. Entretanto, esta continua sendo um tema polêmico no ambiente escolar, que é visto como necessário de ser tratado pelos profissionais que ali trabalham, mas que apresenta dificuldade para os mesmos, por não se vincular, em muitos casos, diretamente à formação profissional que possuem.

É necessária sensibilidade na exposição, devendo-se levar em consideração os conhecimentos prévios dos alunos, seus interesses, dúvidas, angústias, questionamentos, curiosidades. Não devemos esquecer que o conceito de sexualidade está relacionado às condições sociais, culturais, históricas, sendo assim, não existe uma forma definida ou única a ser exposta (BRASIL, MEC, 1998). Entretanto, sabe-se que o modelo de palestras utiliza-se de uma proposta verticalizada, que não abre espaço para tratar das questões acima expostas.

Outra questão que chamou atenção nos relatos das jovens pesquisadas foi sobre a relação entre gravidez, casamento e vida escolar. Rosa afirma que “parou de estudar porque teve uma filha e porque é casada” (Conversa com Rosa, 16 anos, casada. Diário de Campo).

A questão da gravidez na adolescência, durante a escolarização, apresenta-se como um problema difícil de ser tratado dentro das escolas, uma vez que as mesmas não estão preparadas para lidar com essa situação. Há dificuldades que as jovens grávidas enfrentam por não haver uma coparticipação escolar nesse momento de sua vida. Como aponta Sabrina Petry (2001), a maioria das jovens deixa de estudar e, dentre estas, a maioria não os retoma posteriormente, principalmente porque têm mais filhos.

Autores como Castro, Abramovay e Silva (2004) e Alltman (2001) afirmam que a gravidez e a maternidade vivenciadas por mulheres jovens em fase de escolarização apresentam vários significados importantes para

o discurso da (des)continuidade escolar, especialmente para as mulheres jovens de camadas populares que abandonam mais a escola do que as de camadas médias. Estes dados são correlacionados com a maneira a qual a gravidez vem a ser significada, ou seja, se ela vai conduzir ao casamento da jovem, à autonomia juvenil, à realização pessoal, dentre outras situações possíveis.

A pesquisa de Elenice Barbosa, Marina Leite e Jaileila Santos (2011) aponta a escola como uma instituição muito importante no processo de vivência da gravidez das mulheres jovens. As autoras trataram de alguns pontos que devem ser levados em consideração se buscamos o livre exercício da sexualidade das mulheres neste período da vida. Aqui apontaremos que os mesmos nos ajudam a compreender as especificidades deste elo do circuito integrado das jovens na comunidade, que é a escola. As autoras citaram: a) a importância da ajuda dos professores e da escola, para que essa adolescente desse continuidade aos seus estudos; b) a necessidade de existência de um discurso sobre educação sexual nas escolas; c) a necessidade de a escola estar atenta às necessidades decorrentes da gestação, tendo em vista sua interferência no rendimento escolar das jovens; d) a relação da vivência escolar e do não abandono da escola com a continuidade de um projeto de vida das jovens grávidas e mães.

Este último tópico vem reiterar a importância da escola como espaço de convivência e apoio dentro do circuito que se estabelece na comunidade, para as jovens. Apontar as descontinuidades desse espaço e as tensões existentes traz possibilidades de compreensão de alguns matizes que compõem o fenômeno da vivência da sexualidade por parte das mulheres jovens em comunidades rurais.

Sobre os espaços da saúde

As jovens relatam um distanciamento, havendo dificuldade de acesso aos profissionais de saúde por parte delas. Temos aqui um debate sobre prevenção e acesso a direitos negado por um olhar comunitário que não quer perceber os desejos das jovens. Algumas delas são virgens ainda,

outras já iniciaram a vivência das relações sexuais, entretanto, nenhuma busca o espaço da saúde como alternativa de informação e prevenção.

Importante refletirmos sobre a noção de precocidade a partir dos relatos das jovens que não possuem filhos e não são casadas, quando afirmam não irem ao posto de saúde. A precocidade aparece como pano de fundo para a sustentação de uma idéia, qual seja, a de que a jovem mulher não deve ter vida sexual ativa, sendo este um valor negativo, para a família dela e para a comunidade. Talvez isto contribua para que não haja uma estrutura de atendimento que as jovens identifiquem como possibilidade de apoio para elas. Por outro lado, as jovens casadas que frequentam o posto de saúde também são interpretadas por meio de qualificativos que possuem significados negativos, como dependência, irresponsabilidade, dificuldades emocionais e impulsividade (Vilela; Doreto, 2006; Quadros; Adrião; Xavier, 2011).

Não houve ainda, no campo da saúde, uma abertura para uma melhor compreensão da sexualidade feminina juvenil, sendo ainda tratada com pudores e preconceitos, principalmente no que se refere ao momento que a área de saúde considera adequado para as jovens iniciarem as relações sexuais, através de um discurso regulador e normatizador (Butler, 2003).

Considerações finais: refletindo sobre os circuitos...

Chama-nos a atenção a restrita e/ou negada possibilidade de jovens, como as com as quais tivemos contato ao longo da experiência de campo, falarem sobre sexualidade. Embora existam regulamentações e leis no sentido de garantir o direito a cuidados de atenção à saúde e à educação nos espaços privados e públicos, os mesmos ainda perpetuam uma lógica que nega a existência de desejo e sexualidade de mulheres solteiras, sobretudo das jovens. A elas é tolhido o direito de falar sobre sexualidade em casa, na escola, na rua, com profissionais de saúde e até mesmo com seus companheiros.

Porém, mesmo vivendo numa rede social que tenta dificultar a vivência da sexualidade por causa de questões morais que permeiam a sexualidade feminina, encontramos em algumas dessas jovens formas de burlar o controle social e ter acesso às informações que procuram/necessitam.

Geralmente, a alternativa das jovens dessa comunidade era sair da comunidade para buscar espaços de lazer, e vivenciar seus desejos e afetos, bem como buscar as amigas mais experientes para se informarem sobre prevenção e contracepção. Dessa forma, mesmo com informação restrita, pois muitas dessas jovens também não tinham como acessar a outras fontes (como os serviços de saúde e de educação sexual), elas conseguiam se estruturar entre elas mesmas, formando um microcircuito de resistência às possíveis fofocas comunitárias. Entretanto, estas formas de resistência não pareciam livrar as jovens entrevistadas de possíveis estigmas que as dividem entre “garotas certinhas” e “garotas safadas”, de forma tal que qualquer uma daquelas que queira experimentar o exercício da sexualidade, terá o medo eminente de ser rotulada como “garota safada”.

Estas questões foram tratadas por Marion Quadros (2007), ao analisar as trajetórias de jovens de uma outra comunidade urbana e compará-las com as de jovens de uma comunidade rural. Nesta comparação, foi possível perceber que o atendimento dos serviços de saúde está carregado de práticas valorativas que tendem a invisibilizar a sexualidade das jovens e que, na comunidade rural pesquisada, o silenciamento em torno da sexualidade das mulheres jovens era bem mais acentuado do que na comunidade urbana.

Se, por um lado, as jovens apresentam características de passividade e inexperiência quanto ao sexo, a prevenção e a contracepção, por outro, elas demonstram estar ativamente buscando informações que lhes proporcionem maior segurança nas relações sexuais, na prevenção e na contracepção, que colocam desafios e entraves cotidianos às suas vidas, principalmente no tocante à questão da gravidez. Muitas delas procuram resolver/solucionar constantemente estas questões com as limitações que possuem, e muitas dessas limitações estão relacionadas aos circuitos integrados dos quais fazem parte. Os circuitos se integram, portanto, para moralizar as relações na comunidade rural às custas do silenciamento e da

estigmatização da sexualidade das mulheres jovens. Isso significa que eles “desintegram” os direitos sexuais das jovens para “integrar” o sentido comunitário do grupo.

A construção social de uma dominação masculina e do sentido que a comunidade rural encontra na sua reprodução une as várias instâncias do circuito em pontos e redes que inviabilizam uma integração que possibilite a defesa dos direitos sexuais das mulheres jovens na comunidade rural pesquisada.

As ações das jovens em busca de informação e de questionamento de algumas regras de conduta existentes, bem como a importância que alguns locais do circuito adquirem na vivência da sexualidade das jovens levam a crer que a escola, por exemplo, pode ser um espaço propício para uma intervenção a favor dos direitos das jovens exercerem mais livremente sua sexualidade. Dizemos isto pelo fato de a mesma ter-se configurado como o espaço onde há uma contradição em torno da proibição das manifestações da sexualidade, sendo esta normatizada por regras institucionais rígidas. Mas, ao mesmo tempo, não consegue reprimir totalmente as diversas manifestações da sexualidade das jovens, que se utilizam de estratégias de invisibilização, tais como encontrar locais mais escuros e menos povoados dentro da escola para ficar, contando com ajuda de amigas, ficar em espaços próximos à escola ou festas e eventos por ela promovidos. Dessa forma, talvez a escola seja um local no qual se possa iniciar um trabalho de construção de um circuito integrado a favor das mulheres jovens, abrindo possibilidades para o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos.

Bibliografia

ALTMANN, H. 2001. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Estudos Feministas*, p. 575-585.

BARBOSA, Elenice S.; LEITE, Marina de O.; SANTOS, Jaileila. 2011. *Significados da gravidez na adolescência e suas repercussões no processo de escolarização* (TCC em Educação). Centro de Educação. UFPE. Orientação da Profa. Jaileila de A. Santos.

Mulheres jovens, sexualidade e redes de convivência em uma comunidade rural de Caruaru/PE:
circuitos (des)integrados?

- BOZON, M.; HEILBORN, M. L.; AQUINO, E. M. L.; KNAUTH, D. R. 2003. Pour une approche socio-anthropologique des comportements sexuels et reproductifs pendant la jeunesse au Brésil. La construction de l'enquête Gravad. In: CONDON, S.; ANDRO, A. (Dir.). *Questions de genre en démographie*. INED (Dossiers et Recherches, n. 117).
- _____. BRANDÃO, Elaine Reis; HEILBORN, Maria Luiza. 2006. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro*, 22(7), pp. 1421-1430.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. 1998. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF.
- BUTLER, Judith. 2003. *Problemas de gênero, feminismo e subversão da identidade*. Série Sujeito e História. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CASTRO, Eliza Guaraná de. 2006. As jovens rurais e a reprodução social de hierarquias. In: WOORTMANN, Ellen F.; HEREDIA, Beatriz; MANASCHE, Renata (Org.). _____. *Margarida Alves: coletânea de estudos rurais e gênero*. Brasília: MDA/IICA, p.245- 277.
- CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam e SILVA, Lorena Bernadete da. 2004. *Juventudes e sexualidade*. Brasília, DF: UNESCO Brasil.
- FONSECA, Cláudia. 2000. *Família, fofoca e honra: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade-UFRGS.
- FOUCAULT, M. 1984. *Microfísica do poder*. 4. Ed. Rio de Janeiro, Graal, Caps. XI e XVII.
- HARAWAY, Donna. 1995. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5), pp. 07-41.
- _____. 2009. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Revista ANTROPOLÓGICAS, ano 16, volume 23(1), 2012

HEILBORN, Maria Luiza; Equipe GRAVAD. 2005. Uniões precoces, juventude e experimentação da sexualidade. In: HEILBORN et al. (orgs.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamound, p. 39-60.

_____; AQUINO, Estela M. L.; BOZON, Michel; KNAUTH, Daniela Riva (orgs.). 2006. *O aprendizado da Sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamound e Fiocruz.

LONGHI, Márcia Reis. 2007. Afetividade, gênero e relações intergeracionais da perspectiva de jovens e famílias. In: SCOTT, Russell P.; ATHIAS, Renato; QUADROS, Marion T.de. (Orgs.). *Saúde, Sexualidade e Famílias urbanas, rurais e indígenas*. Recife: Editora Universitária, p. 55-74.

PAIVA, V. 1999. Cenas sexuais, roteiros de gênero e sujeito sexual. In: Richard Parker; Regina Maria Barbosa. (Org.) *Sexualidades pelo avesso – direitos, identidade e poder*. Rio de Janeiro: Editora 34, p. 250-269.

PAULO, Maria de Assunção Lima de. 2011. *Juventude rural: suas construções identitárias*. Recife: Editora Universitária da UFPE.

PARKER, R. 1991. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller.

PETRY, Sabrina. 2001. Gravidez precoce diminui qualidade de vida. *Folha de S. Paulo*, 6 maio, Cotidiano, p. C 5.

QUADROS, Marion T.; ADRIÃO, Karla G.; XAVIER, Anna K. 2011. Circuitos (des)integrados: Relações de convivência entre mulheres jovens e profissionais de saúde numa comunidade de periferia da cidade do Recife (PE). In: NASCIMENTO, Pedro; RIOS, Luís F. (orgs.). *Gênero, saúde e práticas profissionais*. Editora universitária, Recife.

_____; ADRIÃO, Karla G.; SILVA, Núbia Michella C. da; XAVIER, Anna K.; TEODÓSIO, Ana M. de C.; MELO, Maria J. C. de; SILVA, Fabiana B. da; BARBOSA, R. 2011 *Relatório Final da pesquisa CNPq proc 402947/2008-8 - Mulheres jovens e dupla proteção em diferentes circuitos de socialidade: um estudo comparativo em Recife e Caruaru - PE*.

Mulheres jovens, sexualidade e redes de convivência em uma comunidade rural de Caruaru/PE:
circuitos (des)integrados?

- _____. 2007. Jovens, contracepção e conversas com os pais: comparando opiniões de moças e rapazes de famílias urbanas e rurais. In: SCOTT, Russell P.; ATHIAS, Renato; QUADROS, Marion T. de. (Orgs.). *Saúde, Sexualidade e Famílias urbanas, rurais e indígenas*. Recife: Editora Universitária, p. 75-95.
- RUBIN, G. 1993. *O tráfico de mulheres: notas sobre a "economia política" do sexo*. Recife: SOS Corpo.
- RUBIN, G. 1998. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: NARDIR, P. & SCHNEIDER, B. (org.) *Social perspectives in lesbian and gay studies: a reader*. London: Routledge.
- SCOTT, Russell P. 2007. Morais, religião e sexualidade em contextos urbano, rural e indígena: namoro, aborto e responsabilidade. In: _____.; ATHIAS, Renato; QUADROS, Marion T. de. (Orgs.). *Saúde, Sexualidade e Famílias urbanas, rurais e indígenas*. Recife: Editora Universitária, p. 13-54.
- SCOTT, Joan W. 2005. O enigma da igualdade. *Rev. Estud. Fem.* vol.13, n.1, pp. 11-30.
- SILVA, Vanda A. 2006. De corpos, desejos, feitiços e amores: a sexualidade entre jovens de origem rural. In: WOORTMANN, Ellen F.; HEREDIA, Beatriz; MANASCHE, Renata (Org.). *Margarida Alves: coletânea de estudos rurais e gênero*. Brasília: MDA/IICA, p. 309-337.
- SIMON, W.; GAGNON, J. 1999. Sexual Scripts. In: PARKER, R.; AGGLETON, P. (ed.) *Culture, society and sexuality: a reader*. London: UCL.
- VANCE, C. 1995. A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *Physis: revista de saúde coletiva*. V. 5, nº 1.
- VILLELA, Wilza V.; DORETO, Daniella. 2006. Sobre a experiência sexual dos jovens. *Cad. Saúde Pública*, vol.22, n.11, p.2467-2472.

Recebido em agosto de 2012

Aprovado para publicação em setembro de 2012